



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES
CEAT - Centro de Estudos Agrários e do Trabalho

ANGETTON RONNIK DA SILVA NASCIMENTO

Ensino da História – prática tradicional e prática temática contemporânea

Araruna - PB

2014

ANGETTON RONNIK DA SILVA NASCIMENTO

ENSINO DA HISTÓRIA – PRÁTICA TRADICIONAL E PRÁTICA TEMÁTICA
CONTEMPORÂNEA

Monografia apresentada ao curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Professor Dr. Edvaldo Carlos de Lima

Araruna

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N244e Nascimento, Angetton Ronnik da Silva.
Ensino da história prática tradicional e prática temática contemporânea [manuscrito] : processos contraditórios / Angetton Ronnik Da Silva Nascimento. - 2014.
41 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Edvaldo Carlos de Lima,
Departamento de Ciências Agrárias".

1. Historiografia. 2. Ensino médio. 3. Ensino de história. I.
Título.

21. ed. CDD 907.2

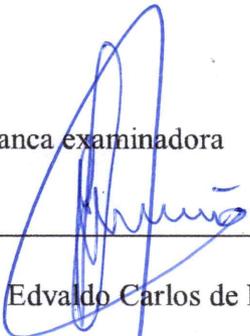
ANGETTON RONNIK DA SILVA NASCIMENTO

ENSINO DA HISTÓRIA – PRÁTICA TRADICIONAL E PRÁTICA TEMÁTICA
CONTEMPORÂNEA

Monografia apresentada ao curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 15/12/2014

Banca examinadora



Prof. Dr. Edvaldo Carlos de Lima

UEPB



Prof. Dr.ª Alessandra Gomes Brandão

UEPB

DEDICATÓRIA

Dedico essa obra a minha família, em especial minha esposa, Maria Rosa e meus dois filhos: Samuel e Emanuel. Não posso deixar de exprimir aqui minha dívida de gratidão ao meu Deus em que está escondido toda fonte de sabedoria e ciência

AGRADECIMENTOS

A Universidade Estadual da Paraíba por ter aberto as portas para nossas trocas de experiências e conhecimento

Ao meu orientador prof. Dr. Lima, pela paciência, orientação, dedicação ao minha pesquisa.

A todos os professores que deixaram seus legados para nós nesse percurso da especialização.

Aos funcionários desta instituição pela atenção e educação nos atendiam no recinto da Universidade

Aos meus colegas de turma, pela amizade que brotou durante este tempo que permanecerá em nossa memória a convivência.

EPÍGRAFE

“Eu só levo a certeza de que muito pouco eu sei e nada sei”.

Almir Sater / Renato Teixeira

RESUMO

Este trabalho é uma pesquisa que relata o cotidiano de professores e alunos nas aulas de história a nível de ensino médio. Tem a preocupação de contrapor dois métodos de ensino da historiografia, o tradicional e o temático contemporâneo. Faz-se uma crítica ao tradicional mostrando os pontos negativos desta metodologia. Uma defesa ao uso de temas nas aulas de história como inovação, mostrando as obstáculos e barreiras que dificultam a implantação e desenvolvimento dessa prática.

ABSTRACT

This work is a survey that reports the daily lives of teachers and students in history classes at the high school level. Takes care to counteract two teaching methods of historiography, the traditional and the contemporary theme. It is a critique of the traditional showing the negatives of this methodology. A defense to the use of themes in history classes as innovation, showing the obstacles and barriers to implementation and development of this practice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1.QUESTIONAMENTOS SOBRE O ENSINO DA HISTÓRIA.....	12
2. HISTÓRIA TRADICIONAL – METODO DECADENTE.....	17
3.RESUMO DA HISTÓRIA DO LIVRO DIDÁTICO.....	22
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA SOBRE A HISTÓRIA TRADICIONAL E TEMÁTICA CONTEMPORANEA.....	24
5.USO DO LIVRO DIDÁTICO COM EIXO TEMÁTICOS.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
ANEXOS.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	38

INTRODUÇÃO

É bastante complexa a tarefa que envolve o cotidiano dos professores ao enfrentarem um alunado com bastante dificuldades para estabelecer relações com o tempo histórico. É de praxis observar bastantes reclamações de educadores no dia a dia da sala de aula, pois estamos vivenciando intensamente um presente marcado pelo ritmo acelerado da tecnologia, deixando-os confusos diante de questões que são apresentados.

Esta monografia é uma defesa das aulas de história, que, em tempos de informação instantânea, como uso de ferramentas da internet, o facebook, whatsapp, sms, etc e a alta competitividade profissional em que precisa de pessoas dinâmicas e ativas, corre o risco de perder espaço para disciplinas tidas como mais práticas uteis na preparação do estudante para o mercado de trabalho, como a física, química ou matemática.

Diante disso o professor de história está diante de um grande desafio, que é refletir nos alunos a importância de se estudar a história local, (regional) envolvendo o próprio sujeito. Partimos do princípio de que o aluno, ao entrar na vida escolar, traz consigo um conhecimento (experiências de vida) conforme sua visão de mundo e a realidade em que vive. A escola, através do ensino, prepara o aluno para a sistematização do conhecimento empírico que já possui, transformando-o em conhecimento científico e inserindo-o no seu cotidiano, de modo que amplie sua visão de mundo e não apenas como um marco que separa a vida do aluno antes e depois da escola.. Mediante a isso, essa monografia está baseado no ensino da história no âmbito do ensino médio, que traz como proposta o uso da história temática contemporânea em sala de aula, procurando dessa forma apresentar uma história diferente do que os alunos estão acostumados.

No mundo contemporâneo, em que os meios de comunicação de massa são extremamente ágeis na transmissão de mensagens, a linguagem na aula de história e nos livros didáticos precisa estar adaptada a esta realidade, bem como as exigências de uma nova escola, cujos alunos estão habituados a assistir a televisão e navegar na internet.

Com base nisso a nova historiografia tem apontado uma multiplicidade de procedimentos teóricos e metodológicos no ensino da história. Espera-se que o aluno

domine o fazer da pesquisa, saiba ler, interpretar e diferenciar documentos e linguagens, desenvolva suas habilidades operatórias, tornando-se um sujeito situado em seu tempo, com a consciência de sua cidadania.

É nesta perspectiva que essa monografia insere uma escolha metodológica nas aulas de história que é justamente trabalhar com temas. Exige por sua vez que o professor tenha claro seus objetivos a serem alcançados e os procedimentos adotados na escolha dos temas e das propostas de atividades. Sendo importante que os temas sejam atuais, com uma rica gama de ilustrações na aula, originais e adequadas a faixa etária dos alunos, com propostas de atividades que expressam um nova vertente de pesquisa na história. Esse método é uma luta contra a história fatual, centrado em fatos políticos e estruturada em periodizações rígidas e externas ao tema estudado.

Essa trabalho será uma análise das dificuldades do professores de história no cotidiano escolar, através de entrevistas, questionário e observações chegaremos há algumas considerações dignas de debate e reflexão crítica sobre a forma de passar a história em sala de aula.

1. QUESTIONAMENTOS SOBRE O ENSINO DA HISTÓRIA

Muitos perguntam qual a serventia da História? Como ensinar na Educação Básica? Como deve ser projetada para o Ensino Médio? Antes de tudo, a história é considerada considerada ciência humana básica na formação do aluno, pela possibilidade de fazê-lo compreender a realidade que o cerca e, conseqüentemente, dotá-lo de espírito crítico, que o capacitará a interpretar essa mesma realidade. No entanto, a formação da criticidade não significa, cabalmente, levar alunos a posições ideologias radicais, mas prepara-los a discernir as várias vertentes e correntes de interpretações, que se podem dar aos relatos históricos, em suas devidos contextualizações, e, a partir daí, permitir aos discentes realizar suas escolhas políticas, sociais, econômicas e culturais.

Segundo Circe Bittcourt, estar diante de jovens inquietos para ensinar história tem sido um desafio para os professores. A constatação da impossibilidade de um ensino abrangente da “história da humanidade” leva indagações sobre critérios de seleção de conteúdos dos significativos para os alunos que vivenciam, com intensidade, o presente marcado pelos ritmos acelerado das tecnologias.

Por outro lado, a ciência histórica tem seus mecanismos e ferramentas de análise que se querem respeitados. A História, necessariamente, deve levar em consideração essas premissas, também, com o objetivo de desenvolver vocações para esse ramo do conhecimento humano. Desta maneira, o estudo de documentos, relatos e as várias interpretações, oriundas pela História, são tópicos importantes no estudo dessa disciplina. A afirmação, hoje muito expandida, por muitas correntes historiográficas, segundo a qual, a educação não é neutra, não fica “em cima do muro”; no fundo, está contida a idéia segundo a qual História deveria ser trabalhada a partir de uma linha ideologia ligada à realidade social, injusta e exclusiva, da qual são vítimas, vastas classes da população brasileira e mundiais. Ora, tal interpretação é cabível a criar a idéia, segundo a qual, somente ações extremistas teriam o condão de eliminar tais desigualdades e injustiças, o que desqualifica a possibilidade da existência de vias democráticas de transformação nos países que enfrentam tais problemas. Dessa forma sem problemas, posto que, num sistema de democraciad, em que vivemos, os professores têm o direito de adotar essa ou aquela linha de interpretação histórica, em sala de aula. O problema é que, ao adotar uma vertente de interpretação dos fatos históricos, negam-se aos alunos os instrumentos necessários para desvelar o outro ou os

outros lados da questão, ou seja, deixam-nos de mãos atadas ao ponto de refletir sobre outras interpretações, que poderiam enriquecê-lo na cultura. Por outro forma, a linha única no desenvolvimento de conteúdos históricos, cria, na mente dos jovens, um preconceito odioso contra formas políticas, sociais e econômicas vigentes e um sectarismo, extremamente, perigoso.

No entanto quando pensadores de esquerda rebaixam o capitalismo, alguém poderia objetar que o socialismo constituiu-se, comprovadamente, em experiências decadentes, em países cuja ineficiência econômica e totalitarismo político (economia dirigida pelo Estado, regimes políticos de partido único) acabou por fazê-los ruir, totalmente, nas últimas duas décadas do século XX, e que o segundo, ainda que sem perfeição, criou as mais sólidas economias e democracias mundiais, além de sociedades de elevado bem-estar social do mundo contemporâneo.

Segundo Le Goff, para captar o desenrolar da história e fazer dela o objeto de uma verdadeira ciência, historiadores e filósofos, desde da antiguidade, esforçam-se por encontrar e definir as leis e regras da história.

Seriam verdadeiras as análises acima propostas? É o que deveriam perguntar-se os companheiros de História, quanto aos debates sobre o tema com suas classes, com relação, os do ensino médio, realmente, interessados em formar o espírito crítico dos alunos, oferecendo-lhes diversificadas bibliografias e diferentes instrumentos de análise histórica.

Ensino da história do Brasil, no Ensino Fundamental e Médio

Muito se discute, sobre a importância de os alunos conhecerem a realidade brasileira. porem, sem um estudo do Brasil atual, a partir de suas estruturas sociais, políticas econômicas e culturais, isso se torna de difícil concretização.

Qualquer estudo sobre História do Brasil, nos ensinos Fundamental e Médio, deveria iniciar pela situação atual do país a partir de noticiários televisivos, pesquisa em jornais, revistas, livros didáticos e para-didáticos, filmes históricos, entrevistas com membros de determinadas classes sociais, de acordo com a localização e possibilidades

de

cada

escola.

procurar as ligações entre presente e passado da História do Brasil, deixará rico, sem certa parte, os conhecimentos dos alunos dos vários Ciclos do Ensino Básico. Entretanto, o que se observa, é o mal hábito de muitos professores montarem seus programas utilizando-se da cronologia tradicional, Colônia, Império e República, selecionando muita quantidade de conteúdos, durante o planejamento. Em decorrência disso, os alunos nunca chegam a estudar o Brasil, no qual estão, realmente, inseridos. Dada a liberdade de construir os currículos de História, durante o planejamento, não impede que os educadores de partida em seus trabalhos em História do Brasil a partir da análise das estruturas: sociais, políticas, econômicas sociais e culturais, atuais para, a partir daí, estabelecer as conexões necessárias entre o presente e o passado.

Assim dessa forma, o professor teria a absoluta oportunidade de selecionar os pontos mais importantes dos diversos períodos da História do Brasil, trabalhando os com a necessária coerência. Essa seleção eliminaria os conteúdos menos importantes, desnecessários e enxugaria os programas, tornando-os factíveis para o ano letivo.

No âmbito de vista político, por exemplo, os alunos deveriam conhecer:

As características do sistema atual político: como é desenvolvido o regime presidencialista? Como desenvolve o processo eleitoral? Como evoluiu esse regime político da Colônia ao cotidiano? Que linhas político-ideológicas estão representadas nas Câmaras Municipais, Assembléias e Congresso Nacional? No trabalhar desse tema, haveria a oportunidade de fazer as relações entre o presente e o passado: a estrutura política atual e a da Colônia, Império e República Velha, na medida em que elas deixaram marcas profundas na vida política brasileira, de hoje.

Quando observamos o presidencialismo e seu desenvolvimento, o professor teria que retornar à administração colonial, ao regime monárquico, ao nascimento da República, buscando seus pontos de conexão: a comparação entre o regime imperial e o presidencialismo republicano. Desde seus primórdios, mostraria inúmeros pontos de contato e permanências do regime imperial no regime político atual, entre os quais, o excessivo poder do Presidente da República, ao longo da vida republicana, velha herança

do Poder Moderador Imperial. Tudo isso trabalhado por meio de conteúdos significativos.

A mesma maneira poderia ser usado no estudo do coronelismo (república velha), ou seja, o poder de grupos oligárquicos, que existem ainda hoje, em regiões do norte e nordeste, originários dos períodos Colonial, Imperial e da República Velha, quando o "mandonismo local" era a base do sistema eleitoral nas Câmaras Municipais (instituição transplantada de Portugal à Colônia) Parlamntos Provinciais e Imperial. O estudo, ensejaria, a análise do processo eleitoral (desde o voto censitário imperial ao sufrágio universal masculino no início da República) nos diversos processos da História Brasileira e a comparação entre as eleições cotidianas às do Império (1822-1889) e República Velha (1889-1930). Por outro lado, esse estudo buscaria amplo debate sobre o regime cartorial-burocrático até hoje em vigor no país, permeando práticas políticas e econômicas e que, em parte, dava exatidão a corrupção nos parlamentos, executivos e judiciários do país, cujos escândalos são matéria prima cotidiana nos órgãos de imprensa escrita e televisada em todo o país.

Outros aspectos da vida política brasileira poderiam ter o mesmo tratamento, vinculando, sempre, o presente ao passado.

Na versão social (sem preconceitos ou dogmatismos), é necessário fazer o estudo das desigualdades: distribuição de renda, da propriedade da terra- seus progressos e retrocessos (a questão do latifúndio e as novas formas de exploração agrícola), buscando as relações entre os problemas do presente com os fatos que deram origem a eles, nos diversos períodos históricos. Se a miséria, incluindo grandes bolsões da sociedade brasileira, constitui, ainda, um grande problema social brasileiro, inegavelmente, o país progrediu socialmente nos últimos 30 anos, sob todos os aspectos. Pesquisas sobre a evolução econômica brasileira, durante o século XX, demonstrariam os avanços sociais dela decorrente, obtidos nas últimas décadas.

Entrevistas com favelados, com membros do Movimento dos sem terras, com moradores de rua, pequenos e grandes empresários, membros da classe média, levariam os jovens a compreender melhor a realidade social exclusiva dos bolsões de miséria das várias regiões brasileiras. Mais uma vez, o retorno ao passado seria capaz de levar os

alunos a desvelar as origens das desigualdades sociais, ao longo de nossa história. Para isso, a análise da sociedade Colonial e da Imperial, fundada na mão-de-obra escrava, no latifúndio e no poder dos senhores rurais, durante os vários ciclos econômicos brasileiros, mostra-se primordial.

O sistema de grandes propriedades, a partir do qual os colonizadores e, depois, os grandes senhores do Império e República Velha, apropriaram-se da terra, criando imensas propriedades, poderá levar os alunos a entender a luta pela reforma agrária nos dias que correm e, ao mesmo tempo, constatar o que foi feito ao longo da última década em relação à propriedade da terra. Uma pesquisa sobre as novas formas de exploração agrícola, sobre os assentamentos de membros do Movimento dos sem terras, já realizados, seus progressos e retrocessos, os vários pontos de vista sobre a reforma agrária em andamento, também, contribuiriam para esclarecimento do processo de ocupação da terra no Brasil..

Por outro lado, a análise da assimétrica industrialização brasileira, ajudaria o alunado a compreender o grande desenvolvimento industrial do Sudeste, o crescimento de suas elites urbanas e das classes médias (insignificante, até meados do século XX), e o atraso do Norte e Nordeste, dominados ainda pelo latifúndio, pela miséria e exclusão social de grande parte de suas populações.

A evolução dessas distorções sociais, ao longo da história brasileira, e a organização social brasileira, atual, enriquecerão os conhecimentos dos estudantes e poderão levá-los a elaborar hipóteses para a superação dos problemas.

2. HISTÓRIA TRADICIONAL – METODO DECADENTE

Ha um problema e uma dificuldade muito grande no ensino da história, durante muitos anos os alunos a tem como matéria decoreba, chata e repetitiva. Quando o professor fala na sala de aula que a historia pode mudar ficam eles admirados, pois o consideram um disciplina parada inerte, seria bom se soubessem que a história é dinâmica que pode fazer um gancho com o presente relacionando com o dia a dia. Diante disso e nesses pontos paramos para refletir que trabalhar o cotidiano na história causa um espanto entre eles e ate mesmo pelos professores, em que infelizmente estão acomodados e ate acostumados com a história tradicional e linear. Temos um grande desafio com a desmotivação da juventude estudantil que de fato na sociedade brasileira não se tem o costume de ler, e muito menos de interpretar, refletir e tirar conclusões criticas dos textos e de livros, é por isso que muitos estranham o Enem pela sua contextualização.

Há por tanto este desafio para os professores de história, levar os alunos a refletirem com os estudantes que estudar história não é o que eles estão acostumados a estudar como uma viagem insuportável do passado. É colocar nas mentes deles que é uma questão de exercer sua cidadania e desenvolver uma mente critica com relação a convivência em sociedades diversas.

Como estamos em pleno século XXI, temos uma mudança com inovações tecnológicas, para isso o ensino da história precisa mudar para acompanhar o ritmo do tempo “louco cheio de novidades” com uma sociedade em plena modificação. Segundo as Orientações Curriculares para o ensino médio, publicadas em 2006,

“os jovens vivem e participam de um tempo de múltiplos acontecimentos que precisam ser compreendidos na sua historicidade. No entanto, a compreensão da historicidade dos acontecimentos tem sido dificultada não só pela sua quantidade e variedade, mas também pela velocidade com que se propagam por meio das tecnologias da informação e da comunicação.”.

Com isso, “os jovens vivem uma espécie de presente contínuo e, portanto, com fracos vínculos entre a experiência pessoal e a das gerações passadas.”.

Isso tudo nos leva a discutir o tradicional método do ensino da história. diversos professores acabam buscando métodos inovadores de ensino. Todavia a utilização de recursos tecnológicos não implica dizer que métodos inovadores estão sendo aplicados, visto que muitos professores ainda preferem seguir método tradicional de ensino e utilizar os recursos tecnológicos a seu favor, não contemplando com isso as competências necessárias que o aluno precisa ter, através de suas habilidades, para se tornar um ser autônomo diante da realidade.

Com informações acumuladas culturalmente, através de livros ou computadores, os educando acabam se desinteressando pelo ensino tradicional que foca justamente na absorção de conteúdos com isso, fazer a prova e ser aprovado é somente o que desejam. Neste sentido, o processo de ensino-aprendizagem, segundo Luckesi fica defasado e excludente. Para que a escola, o professor, o aluno e a sociedade se integrem de forma significativa há uma necessidade de se repensar esse processo, Luckesi diz que a organização deve partir de um desejo. Pensar esse conjunto de maneira holística, definindo metas qualitativas a serem cumpridas, colocando para o segundo plano a quantidade, pode ajudar e muito neste processo que precisa revelar valores, competências e as habilidades de cada estudante, como ser único, mas integrado na sociedade.

O professor, portanto é mediador do diálogo entre o aluno e as múltiplas informações dispostas através das novas tecnologias, buscando a construção de conceitos, explorando a experiência do aluno, tornando-se coordenador do trabalho que envolve pesquisa, reflexão, atividades coletivas e a construção de uma opinião por parte do educando com base nas questões levantadas e nos argumentos trabalhados, enfim, o conteúdo passa a ser instrumento para a construção desse conhecimento.

A partir desse posicionamento podemos definir que este trabalho, apesar de ter um conteúdo baseado na cronologia, não se restringe somente a ele, pois cada unidade pode explorar algumas problemáticas temáticas, de acordo com há de mais importante

em cada assunto, e ainda de acordo com as escolhas do educador, ou seja, no desejo de que o educador deseje passar ao aluno no processo de ensino-aprendizagem pensado de forma positiva como Luckesi relatou em seu livro *Avaliação da Aprendizagem Escolar*. Com isso, podemos levar ao aluno, conteúdos e debatê-los com problemáticas atuais. O exemplo pode ser tratado com a temática “*Viver nas Cidades*”, que pode muito bem fazer uma relação do passado com o presente, demonstrando ao educando o sentido da história na vida e na formação de qualquer cidade, desde a antiguidade, até os dias atuais e suas relações com o meio ambiente.

O uso da interdisciplinaridade e das fontes serão outros instrumentos de grande importância para essa vivência escolar. Pois a interdisciplinaridade visa o compartilhamento do objeto de estudo com as outras disciplinas, sua contextualização, evitando compartimentação e criando um laço comunicativo entre professores e educandos.

Neste sentido a proposta do projeto é trabalhar a história temática, fazendo o caminho inverso, como já de costume, ao invés de seguir uma metodologia estudando o passado para o presente, será estudado a possibilidade analisar o presente e recorrer o passado. É uma proposta que rompe com os livros didáticos que segue uma ordem cronológica, que muitas vezes não é trabalhado todo o livro, ficando o cotidiano de lado.

É notório que os livros didáticos, de nossos dias, possuem um conteúdo unificado com textos específicos e em grande parte só literários que não atendem às necessidades de todas as classes sociais, o que causa grandes obstáculos para se desenvolver efetivamente um trabalho pedagógico com ênfase nas singularidades regionais. Isso faz com que o educador seja mais exigido, cada vez mais, um “jogo de cintura” ou esforços “heróicos” para adequar os livros à vivência de seus alunos, visando a aproximar o ensino-aprendizagem à ‘visão de mundo’ que cada aluno traz ao ingressar na vida escolar. Quando os livros didáticos não são adequados aos aspectos regionais prejudica o trabalho dos professores, principalmente os do campo, que por sinal trazem um conteúdo unificado, com textos elitistas, os quais não condizem com as características regionais. Vejamos, a título de exemplo, o depoimento de um professor da zona rural:

“É frequente recebermos livros didáticos com palavras mais universais que são desconhecidas por estes alunos, devido ao lugar em que vivem, isolados da população urbana, muitas vezes sem os meios de comunicação como: rádio, televisão, Internet, etc.”

Em outros relatórios, os professores alegam que os livros didáticos apresentam palavras como ‘hipopótamo’, ‘helicóptero’, ‘leão’, que não são característicos de seu dia-a-dia. Poderiam muito bem utilizar outras palavras para que a criança e jovens identificasse com a realidade local, haja vista a realidade pesquisada estar inserida na Região Amazônica. Esse problema dificulta o trabalho pedagógico do professor, uma vez que o aluno se volta para o lado crítico, solicitando ao professor explicação dos termos desconhecidos. O mais grave é que o professor, muitas vezes, toma uma postura radical, impedindo a participação do aluno no processo, e em consequência, esse aluno passa a ser visto como perturbador, gracejador, etc. Observa-se então que o problema não está somente no Ensino Médio mas também no âmbito do Ensino Fundamental.

Observa-se então, que através das entrevistas orais com professores da zona rural, que nem sempre eles estão preparados para dar explicações compatíveis a seus alunos, faltam-lhes conhecimentos para isso. Teve informações de professores que ficaram em situação confusa quando, em sala de aula, foram questionados pelos alunos sobre o termo hipopótamo. Perguntas como: onde vive um hipopótamo? De onde vem? O que come? etc., para as quais o professor não soube dar explicações satisfatórias. Observamos que esta situação, na maioria das vezes, problematiza porque a precariedade das escolas do campo é grande. Há ausência de bibliotecas onde os alunos possam pesquisar e sanar suas dúvidas, enriquecendo seu conhecimento, sem falar na falta de outros recursos didáticos necessários como: televisão, vídeo, internet, etc. Diante de tal situação, o ensino fica comprometido, afetando o rendimento e a aprendizagem dos alunos. Em contar partida aos professores da zona urbana, observamos, por meio das entrevistas, que suas opiniões divergem dos da zona rural, com relação à infra-estrutura das escolas, pois as escolas da zona urbana possuem bibliotecas, salas de leitura, sala de vídeo, etc, propiciando as pesquisas necessárias para complementar o conteúdo do livro didático. Embora haja melhores condições na estrutura escolar, notamos, pelas entrevistas, que o ensino se prende ao livro didático e a

qualidade é baixa. Observamos que a preocupação de grande parcela dos professores é cumprir todo o conteúdo do livro didático por exigência da supervisão:

“Na minha escola tem a supervisora, não tem como fazer um trabalho diferente, levar outros textos, jogos, sabe? Dinâmica... A supervisora exige e fica cobrando que o conteúdo do livro didático tem que ser visto tudo.”

Entendemos com esta informação de uma das informantes que tal situação ocasiona a transmissão de um conhecimento limitado, ou seja, apenas aquele que consta de um livro didático “inadequado”.

Observa-se que a grade de conteúdo do livro didático, de alguma forma, ainda unificado, dificulta, muitas vezes, o aluno aquém do conhecimento necessário para o processo de aquisição da escrita. Isso se agrava quando o professor utiliza somente o livro didático como material pedagógico – o livro acaba sendo o roteiro de suas aulas. Esse fato compromete a aprendizagem, pois tal postura do professor, possivelmente, acaba por não considerar as diversidades lingüísticas que os alunos trazem na sua fala.

“Há o papel ideal e o papel real. O papel ideal seria que o livro didático fosse apenas um apoio, mas não o roteiro do trabalho dele. Na verdade isso dificilmente se concretiza, não por culpa do professor, mas de novo vou insistir, por culpa das condições de trabalho que o professor tem hoje. Um professor hoje nesse país, para ele minimamente sobreviver, ele tem que dar aulas o dia inteiro, de manhã, de tarde e, freqüentemente, até a noite. Então, é uma pessoa que não tem tempo de preparar aula, que não tem tempo de se atualizar. A consequência é que ele se apóia muito no livro didático. Idealmente, o livro didático devia ser apenas um suporte, um apoio, mas na verdade ele realmente acaba sendo a diretriz básica do professor no seu ensino”. (SOARES, 2002, p. 2).

3. RESUMO DA HISTÓRIA DO LIVRO DIDÁTICO

Quando falamos na história do livro didático teve início com um decreto lei 1006 no ano de 1938. O livro neste tempo era um mecanismo ideológico do Estado que por sua vez era o mentor e modificador de acordo com seus interesses. Havia uma lista pré-determinada pelo governo, infelizmente os professores não tinham liberdade cabal de escolher os livros didáticos. Foi assegurado que o estudante tinha direito ao livro didático, Direito esse constitucional, presente no artigo 208, inciso VII, da Constituição Federal do Brasil. As discussões sobre o material didático só começaram nos anos 90, debate esse frenético sobre os livros e a escolaridade. O PNLD programa nacional do livro didático foi instituído e regulamentado no decreto n. 9154/85. Plano que estabeleceu em seu artigo 2º, a avaliação rotineira dos livros. Recentemente, a resolução nº 603, de 21 de fevereiro de 2001, passou a ser um mecanismo organizador e regulador do PNLD. O MEC achou por bem criar várias comissões para a avaliação dos livros didáticos, procurando uma melhor qualidade. Trabalho esse que exige muitos esforços senão muito lento por sua vez, pois é bastante confrontado por interesses das editoras que muitas vezes são aversas as novas orientações pedagógicas. Este episódio infelizmente interferiu na qualidade do livro didático e, posteriormente, no processo de ensino aprendizagem. Diante disso a limitada preparação dos professores para participar do processo de seleção, tarefa bastante causticante para um coletivo que pouco tem recebido em termos de saberes, competências e habilidades. Em 1991 na reforma curricular obrigou que os novos livros correspondam às atuais exigências de uma Educação do século XXI, na qual o conhecimento, os valores, a capacidade de resolver problemas e aprender seriam focalizados

O livro didático de forma alguma deve continuar sendo como fonte de conhecimentos (por vezes equivocados) a serem repassados pelo professor, a fim de serem memorizados pelos alunos. Aí está o grande problema pois o material didático se encontra longe de ser uma fonte de sabedoria, capaz de orientar os professores no desenvolvimento da personalidade integral dos jovens e constituir uma responsabilidade de natureza social e política. Quem deve ter uma boa planejamento pra desenvolver essa atividade é o professor pois, embora haja, por um lado, o desenvolvimento das novas tecnologias, da mídia, dos textos digitais, por outro, o livro continua sendo o mais fiel

aliado do professor e um recurso imprescindível para os alunos. Nessa perspectiva O livro didático, pode ser visto como um enunciado que constitui um elo na cadeia de comunicação verbal, estabelecida por professores e alunos na sala de aula. Neste sentido, na relação professor e aluno, constitui um mecanismo relevante para os processos de leitura e compreensão de textos. Se soubermos explorá-lo, fazendo uso de sua criatividade, inserindo, através de textos, a diversidade de gêneros textuais necessária ao alunado, certamente, lhe propiciará dependendo do livro adotado, reflexões sobre sua realidade.

Tem um grande problema aí, é que as escolhas dos livros didáticos nas escolas, são feitas pela camaradagem do professor para com o divulgador as vezes por trocas de favores, ou ganhos financeiro, recompensas que a distribuidora dar aos professores. Particularmente já recebi propostas de editoras para adotar seus livros. Dessa forma infelizmente são adotados livros que não atendem a necessidade e anseios da comunidade escolar. Isso é corrupção, o comércio, o ganho esta em primeiro lugar.

Além disso como vimos nessa história o livro é utilizado como aparelho ideológico do Estado, uma lavagem cerebral na sala de aula, em que o professor sem preparo cai de patinete nessa armadilha.

4.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA SOBRE A HISTÓRIA TRADICIONAL E TEMÁTICA CONTEMPORANEA

Muitos professores tem muito de quebrar com o ensino tradicional de História é, que através de suas experiências, tentam fazer algo diferente. Mas que pressupostos podem influenciar para uma ruptura com o ensino tradicional de História? Abaixo estão alguns pressupostos que devem tomar como um para uma possível ruptura.

- a proposta de uma história linear e evolutiva inclui o ensino de História como algo contínuo, em que a inclusão de eixos temáticos ou conteúdos a serem estudados deem prioridade a análise do cotidiano humano e a compreensão das mudanças ou transformações que ocorreram na sociedade, ao longo do tempo;
- propõe-se a seleção de temas que possibilitem a apreensão da realidade na sua totalidade, de forma dinâmica e contraditória, ao invés de um ahistóri de fatos isolados e fragmentados;
- docentes e discentes devem tomar sempre o seu presente como ponto de partida para a busca e a compreensão do conhecimento histórico.
- A uma história de memorização de fatos sem significado tem a proposta uma prática de ensino que formalize no entendimento e interpretação da realidade social contribuindo para o desenvolvimento de sua identidade como sujeito da História. Com isso os conteúdos devem sobrepor uma organização baseada em processos obrigatórias e ir à direção de temas erguidos a partir da realidade social presente, ligada à realidade social dos alunos e articulado ao universo das relações sociais. A vivência do aluno permeará o procedimento histórico relacionado ao ensino.
- Esse método histórico inclui muitos elementos que fazem parte do processo do conhecimento histórico, tais como: análise histórica, construção de conceitos históricos, o trabalho com os tempos históricos, o uso escolar de registros

históricos e a apropriação das novas tecnologias da informação e de seus produtos. Dessa forma os alunos compreenderão a sua própria história e da pluralidade de histórias presentes e passadas, aprendendo a realizar análises, inferências e interpretações acerca da sociedade cotidiana.

Outro ponto a ser observado na produção do conhecimento histórico é a de que o fato histórico não é uma verdade cabal, pronta e acabada, mas algo que também é desenvolvido pelo historiador. E essa transferência didática do conhecimento histórico em saber histórico é a problematização. Mas o que é problematizar?

[...]Problematizar é construir uma problemática acerca do passado, a partir de um objeto de estudo, tendo como referência o cotidiano e a realidade presente daqueles que vivem a História, bem como as questões postas pelos historiadores. [...] O importante é adquirir o hábito de colocar questões a respeito do presente e do passado [...] É preciso ir além, levantando hipóteses acerca do conteúdo estudado, incitando o aluno a buscar um caminho para reconstruir o percurso do conhecimento sobre o passado e o presente. (SCHMIDT, In KUENZER, 2002, p. 208).

Os pontos debatidos nesses problemas referem-se ao próprio conhecimento inicial dos alunos, à sua cultura vivencial, às representações que eles desenvolveram com relação ao conteúdo estudado e à memória histórica que eles possuem. Ensinar História a partir da experiência do aluno significa fazer com que ele se veja como construtor do processo histórico. Isso quer dizer que deve fazê-lo compreender que a sua história é fruto de um movimento dinâmico e processual da história da sociedade e entender que ele também faz a História. É papel do ensino de História fazer com que docentes e discentes, a partir do diálogo entre presente e passado, possam diagnosticar as possibilidades de intervenção e participação na realidade de suas vivências. No ensino da História, o trabalho metodológico deve incluir o tempo. É preciso enfatizar,

de um lado, a importância de se trabalhar com a cronologia, como uma ferramenta para a localização dos acontecimentos no tempo. De outra forma, propor o resgate simultâneo do passado e a observação da história do presente, sendo as ligações presente-passado observadas a partir de noções de sucessão, tempo, simultaneidade, semelhanças e diversidades, mudanças e permanências, continuidades e quebras. Nesse processo de construção do conhecimento histórico pelos alunos, a construção da narrativa histórica é fundamental.

Segundo Ivo Mattozzi (2004), após a seleção do tema, o professor deve construir uma narrativa através de três âmbitos: narrar, descrever e argumentar, seguindo-se a explicação e a problematização. Narrar é construir o que representa o processo histórico relativo às mudanças e modificações por meio de fatos que levem a um contexto inicial e a um desfecho. Descrever é representar as permanências que ocorrem entre diferentes contextos históricos. Argumentar, explicar e problematizar fazem com que a narrativa histórica seja o processo de uma resposta para a problemática. A explicação é à busca das causas e origens de muitas ações e relações do homem, e argumentação é a resposta à problemática, a qual é constituída pela narração e descrição. Para que o conhecimento histórico seja produzido é preciso que se busque resposta para as problematizações propostas através do uso de documentos. Nas correntes historiográficas tomadas como referência para a elaboração das Diretrizes Curriculares de História do Estado do Paraná (2006), por exemplo, foi quebrada a idéia do documento escrito como única fonte confiável para o estudo do passado. O conceito de documento foi expandido: imagens, objetos materiais, oralidade e muito mais documentos escritos são tomados como vestígios do passado, a partir dos quais é possível produzir o conhecimento histórico. As imagens, livros, jornais, histórias em quadrinhos, fotografias, pinturas, gravuras, museus, filmes, músicas também são documentos que podem ser transformados em materiais didáticos para a construção do conhecimento histórico. Os conteúdos estruturantes de relações de trabalho, relações de poder e relações culturais devem estar articulados à fundamentação teórica e à seleção de temas.

Ao observar o problema e selecionar o conteúdo estruturante que mais bem responda a problemática, o professor constitui o tema, o qual se desdobra nos conteúdos específicos que fundamentam a resposta para a problemática. Mas, o que se entende por tematização? Para esta indagação, Ivo Mattozzi (2004) diz que : (...) o passado não pode representar-se em toda a sua complexidade, e o historiador se vê na obrigação de

recortar um aspecto, fenômeno, processo, acontecimento, personagem...e instituí-lo como um fato histórico sobre o que focaliza o texto (MATTOZZI, 2004, p. 43). Para tematizar um fato é preciso ter em mente três dimensões:

- 1.citar o aspecto ou os aspectos que se quer representar.
2. descrever o fato em um período bem alinhado, com referências fixas do ponto de vista temporal.
- 3.observar bem o território para abordar o tema. A importância da tematização deve se ver refletida no ensino através de atos de mediação que ajudem os alunos a entender que temas tem que estudar, que significado querem transmitir, qual a arquitetura temática que torna possível a compreensão e a construção do fato histórico.

5. USO DO LIVRO DIDÁTICO COM EIXO TEMÁTICOS

No ano 2000 algumas editoras resolveram inovar em seus livros didáticos de história. Pois começaram a usar a metodologia de eixos temáticos. A editora Scipione foi uma que rompeu paradigmas com a velha história, é uma pena que durou isso até o ano de 2008 com a última edição de 2005 com o livro: História Temática – O mundo dos cidadãos, cujos autores foram Andre Montellato, Conceição Cabrini e Roberto Catelli Junior.

Em muitas escolas foram adotados esses livros na rede pública e particular de ensino, de imediato eles lançaram uma coleção para o ensino fundamental, porém não passou disso, não vimos nenhum livro de história temática do ensino médio, é uma pena. A experiência durou pouco tempo, o projeto infelizmente não decolou, houve muitas barreiras. Primeiro por que não houve uma mudança na proposta curricular do ensino da história, ainda continua a história cronológica, método inadequado e atrasado. Segunda a editora Scipione entrou nessa sozinha, não houve simpatia ou por meio de outras editoras de aderir também o projeto, sendo assim sozinha não tinha força para aguentar e segurar a inovação. Terceiro não somente as editoras mas os autores tinham receio de que seus livros não pudessem ser vendidos como antes. Quarto motivo o descomprometimento dos professores do ensino fundamental, que não aceitavam o novo, estavam acostumado com a velha guarda de ensinar história, não fizeram força nem para se adequarem. Quinto os alunos também foram barreiras, pois se não houve um empenho do professor, também é impossível o aluno aceitar um método desse.

O livro trazia os seguintes eixos, exemplo tirado da versão da antiga 8ª série:

1. Os cidadãos e os excluídos

Sub temas:

Globalização e econômica e exclusão social

Direito a cidadania: a pólis na Grécia Antiga e a Revolução Francesa

Ideias iluministas e os ecos da Revolução Francesa na América;

Princípios do liberalismo

2. O mundo do trabalho

Sub temas:

As primeiras fábricas: controle e disciplina

A industrialização chega ao Brasil

Os trabalhadores e as conquistas de direitos

3. Autoritarismo e democracia

Sub temas:

As duas guerras mundiais: nacionalismo e preconceitos

Era vargas: retratos de um nova ordem

Brasileiros, mostrem suas caras

O exercício democrático em questão.

Agora observem como é o sumário de e um livro didático da forma tradicional cronológica. Sumário tirado do livro: História - das cavernas ao terceiro milênio, cujos autores são: Patricia ramos Braick e Myriam Becho Mota.

Sumário:

Capítulo 1.

Brasil: a republica das oligarquias

Capítulo 2

Os países hispanos-americanos no inicio do século XX

Capítulo 3

A primeira Guerra Mundial

Capitulo 4

A Revolução Russa

Capítulo 5

O período entre guerras

Capítulo 6

A segunda guerra mundial

Capítulo 7

O governo de Getúlio Vargas

Capítulo 8

A guerra Fria

Capítulo 9

Os governos populistas no Brasil

Capítulo 10

A descolonização da África e da Ásia

Capítulo 11

A ditadura militar no Brasil

Capítulo 12

A Crise do socialismo

Capítulo 13

Neoliberalismo e globalização

Capítulo 14

A nova república: redemocratização do Brasil

Capítulo 15

A América Latina no Século XXI

Capítulo 16

Conflitos contemporâneos no Oriente Médio

Agora vamos fazer as comparações cabíveis. Hão de observar que no livro que utiliza o eixo temático os capítulos são mais enxutos, mais objetivos, mais claros, menos chocantes aos olhos dos alunos. No livro tradicional é uma gama enorme de capítulos, causa medo, fúria, espanto para os alunos verem todas aquelas informações. E tem uma coisa se o professor for no pé da letra em trabalhar capítulo por capítulo do livro cronológico, ele termina o ano e não termina de trabalhar o livro, fica o professor preso aos capítulos, se queixam que não dá tempo bater capa por capa. Faço a seguinte pergunta com relação a isso, quem disse que o professor tem que trabalhar todo o livro didático? Os pcns? Não, a LDB? Não, o PNLD? Não, a escola? Não pode fazer isso, os pais? Muito menos, os alunos? Não tem eles noção pra isso? Nos os professores? Só pode ser, que coisa que o professor não percebe que ele se cobra de si mesmo algo que nenhum desses órgãos que citei cobram. Não precisamos de livros didáticos, essa pode ser uma opção, é bem verdade que é muito útil, sim mas deixa muito a desejar.

Percebam outra coisa nessa comparação. O livro de eixo temático da antiga 8º série nos traz assuntos que no tradicional deveria ser trabalhado na antiga 5º série. Exemplo: no sub tema direito e cidadania: a Pólis grega e a revolução francesa. A pólis grega é um assunto do 6º ano atual, o mais interessante que ele faz um gancho com um assunto que é de costume no tradicional para a antiga 7º série que é a revolução Francesa.

Não precisamos de seguir a cronologia histórica para o aluno aprender história, repito é bem melhor partimos do cotidiano para o passado, do que do passado para o presente. Eis a questão desafiadora e difícil de trabalhar, até cair na real que é mais fácil sim de ensinar e aprender, sem falar que é mais interessante.

É no movimento de reconhecimento dos ritmos da história que teremos a densidade do que se pretende compreender historicamente, o que não prescindirá das relações causais de forma não sincrônica e contínua, conforme muitos buscam

para sua acomodação e sossego. O que a duração não permite em sua descontinuidade é que os “acontecimentos não se depositam [...] ao longo de uma duração como ganhos diretos e naturais.

Marlene Cainelli, Magda Tuma e Sandra Regina de Oliveira.
Se fosse para o futuro teria que ir e não voltar...
Deslocamentos temporais e a aprendizagem da História nos anos iniciais do ensino fundamental. (texto apresentado na Anpuh 2009.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No final desta monografia quero sobre maneira vislumbrar que o trabalho do professor/pesquisador de história não é considerar o conhecimento do passado como uma verdade definitiva, ao contrário é dinâmico sempre. Este trabalho é um estudo de métodos de história com uma experiência ligada a vivencia cotidiana. Estabelecemos dessa forma fios de ligação com o passado e ao mesmo tempo levar os alunos a perceber as rupturas, o sentido das mudanças que ocorrem na história dos grupos humanos

A temporalidade precisa ser discutida no ensino da história nas relações entre cronologia, a periodização e os processos históricos. A história ensinada hoje pressupõe ter o tempo como significante para o sujeito, a partir de temporalidades diversas, possa perceber que aprender história é reconhecer em outros tempos e sujeitos experiências, valores e práticas sociais. Principalmente é proporcionar ao aluno reconhecer se enquanto sujeito do seu tempo e com isto conseguir que ele reconheça outros sujeitos em tempos diversos.

Utilizei um questionário que serviu para esta pesquisa sobre o ensino de história em sala de aula no ensino médio. Elaborei perguntas que foram respondidas por alunos, pais e professores da mesma área de ensino. As perguntas foram baseadas no cotidiano das aulas de história, como por exemplo: O que é história? Qual a importância de se estudar história? Qual a praticidade da história em nossa vida? Gosta de história?.sim, não e porque?

Essa pesquisa foi feita no município de Dona Inês – PB, mais precisamente na Escola Estadual Clovis Bezerra Cavalcanti. Escolhi esta escola pelo seguinte motivo: trabalho nela a um ano, já conheço clientela, a comunidade e o contexto socioeconômico e cultural da região.

Além dos questionários aplicados, foram feitas entrevistas com a comunidade, com alunos e professores de história da respectiva cidade, em que contaram suas vivencias, dramas e desafios.

Desta forma, analisamos os problemas relacionados com o ensino de história no ensino médio nas Escolas Estaduais, tentamos identificar problemas ligados ao ensino da história, principalmente no uso de livros didáticos, Investigamos o uso de novas

metodologias no ensino da história, como no caso a história tradicional e a temática, tentando compreender a história ligada na formação do cidadão.

Identificamos que 90% dos alunos não sabem conceituar história de uma forma básica, dizem em sua maioria que história é estudar os homens importantes do passado, estudar as coisas antigas, passadas, velhas. Observa-se que ainda estão voltado em uma história fatural, baseada em feitos heroicos, datas comemorativas. Muitos não sabem a importância ou para que serve estudar história, dizem que é pra saber do passado. Não tem noção de temporalidade, nem contextualização com o cotidiano. Boa parte não gostam de estudar história, serve pra que? É o que dizem. Diante disso o professor de História tem que desmitificar muitas coisas, tirar muitos vícios decoreba, limpar muitas arestas.

Entrevistei dois professores de história, relataram que compreendem as dificuldade no ensino da história, reconheceram de certo modo algum despreparo para lidar com inovações no currículo, Não tinham coragem de trabalhar eixos temáticos, pois daria muito trabalho em dobro até para pesquisar, era melhor seguir o livro didático que já estava pronto, até porque alegaram que ganham pouco demais e trabalham muito, impossível usar essa metodologia.

Segundo Ronaldo Vainfas a história pode ajudar, a compreender melhor o presente, a avaliar criticamente a sociedade e o mundo no qual a cidade, a região e o país e, que vivemos. Desta forma o valor da história, como conhecimento não é só voltado para o passado sim presente também.

Este trabalho é o inicio de minha pesquisa sobre as dificuldades no ensino da história na metodologia tradicional, meu foco é defender que o eixo temático é o viés mais viável para a compreensão histórica, focado na vivencia do aluno e da localidade se aproximando com o PPP da escola que pouco é explorado no ensino.

Anexos

Pesquisa de campo sobre o ensino da História no ensino médio

Prof. Ronnik

Local: Escola Estadual Gov. Clovis Bezerra Cavalcanti – Dona Inês/PB

Nome do entrevistado: _____

Idade: _____ Profissão: _____

Questionário para pais e alunos

1. O que é história

2. Por que estudar história

3. Qual a importância da história para o nosso cotidiano

4. Gosta de estudar História? (pergunta feita só pra alunos)

5. O que vc mudaria em uma aula de história? (pergunta feita só pra alunos)

Pesquisa de campo sobre o ensino da História no ensino médio

Prof. Ronnik

Local: Escola Estadual Gov. Clovis Bezerra Cavalcanti – Dona Inês/PB

Nome do entrevistado: _____

Idade: _____ Profissão: _____

Questionário para professores

1. Qual sua metodologia no ensino da História?

2. O que acha de trabalhar, ou já trabalhou eixos temáticos em aula?

3. Como vc avalia o interesse dos alunos em sua metodologia

4. O que precisa mudar em sua aula de história? Ou não precisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2001.

KARNAL, Leandro. **História na sala de aula**. São Paulo: contexto, 2010.

KUENZER, Acácia Zeneida (Org.) Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. São Paulo, Cortez, 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1996.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e preposições**. 19 ed-São Paulo: Cortez, 2008.

MATTOZZI, Ivo, (1998). Dossiê: O Ensino de História: problemas da didática e do saber histórico. Revista da Associação dos Professores de História de Portugal, Revista n.3.

SCHMITD, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. Ensinar História. São Paulo: Scipione, 2004 (Pensamento e ação no Magistério)

SOARES M. B. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na Cibercultura. Educação e Sociedade: dez. 2002, v. 23. n. 81, p. 141-160.

_____, (2004). Ensinar a escrever sobre a História. Trad. Fábio L. Iachtechn. Enseñanza de las Ciencias Sociales, Barcelona, nº3, p. 39-48.

_____. Congresso Nacional. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília/DF. 1998.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de educação fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de educação fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Parâmetro nacional de história. Brasília: MEC/SEF, 1997.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (MEC). Guia do livro didático. Brasília, 2004. Disponível em: <www.fnde.gov.br/programas/pnld>.